

O SER EDUCADOR NA VIVÊNCIA DOCENTE: UMA ANÁLISE NA DIMENSÃO HUMANA

Maria Ibiapina Sobral Santos

(Psicóloga Clínica, ibiapinas8@gmail.com)

Resumo: O exercício da prática docente no seu cotidiano permeado de exigências de um mundo moderno se constitui hoje um desafio para a vida profissional do educador, os limites e as dificuldades enquanto dimensão humana possibilita um sofrimento psicológico como consequências desse enfrentamento. A angústia e o sofrimento precisam ser vividos, de maneira capaz de compreender como o ser que sente, pensa, se angustia, sofre, mas acima de tudo, valoriza cada momento de sua vida e que diante da angústia, sempre encontra um sentido para se encontrar consigo mesmo. O presente trabalho intitulado “O ser educador na vivência docente: Uma análise da dimensão humana”, se propõe a estudar a relação da dinâmica humana do educador frente aos desafios e limites no exercício de sua vida profissional, o método é de cunho bibliográfico do tipo narrativo com análise de conceitos qualitativos, foram analisados cinco livros e suas consequentes ideias de forma a contribuir com o estudo e a dinâmica da subjetividade humana do da vida profissional do educador, baseado em autores como, Carl Rogers, Viktor Frankl, Miguez, Augras. Neste sentido é de grande importância que este estudo possa servir de auxílio nas dificuldades encontradas no cotidiano escolar, podendo dessa maneira, dinamizar a atuação dos professores com seus alunos e ajudar, a compreender suas angústias diante das problemáticas. Diante de tudo o que foi estudado pode-se perceber a importância e a realização das leituras bibliográficas para o crescimento pessoal e profissional, pois cada autor contribuiu com uma reflexão e uma compreensão do que realmente se deve fazer diante do trabalho desenvolvido em uma educação.

Palavras-chave: Prática docente, desafios, limites, ser educador.

INTRODUÇÃO

O contexto no qual se desenvolve a educação atual permeado de uma simultaneidade, instantaneidade, e rapidez de informações, evoluindo a cada instante em tecnologia e nesse contexto, o ser humano em sua vida vinculada a existência em uma relação de expectativas e incertezas. A educação vive uma complexidade em ser diferente na sua reflexão no contexto humano e nos profissionais da educação atual. Estando em busca constante da felicidade, de algo que o motive, de sentido para viver. Sendo que, esse sentido não se dá, ele se constrói através de suas próprias angústias. A partir do momento em que esse vazio está sendo preenchido, o ser humano parte para a infelicidade e o sofrimento. Nos tempos atuais, está sendo exigido dos profissionais com perfil criativo, com liberdade de expressão, sem que esse profissional possa se tornar passivo diante das situações exigidas.

É perceptível a temática cada vez mais em busca do aperfeiçoamento das habilidades e aptidões técnicas dos professores vinculados a educação. Buscando sempre algo que os preencha, de forma que as perguntas subjetivas possam ser respondidas em todos os momentos,



compreendendo assim as vivências do cotidiano escolar. O conhecimento do que é o profissional para a educação é indispensável, a importância de se unir em um mesmo objetivo, diante de uma sociedade ou sistema que apenas enxerga os educadores como um objeto na sala de aula e que aos poucos tornam-se invisíveis na educação. O presente artigo busca estudar a relação da dinâmica humana do educar frente aos desafios e limites no exercício de sua vida profissional, adentrando assim às experiências subjetivas de um sofrer psicológico angustiante. No entanto, essa angústia vem causando desmotivação no desenvolvimento de seu trabalho. Analisando também as dificuldades e angústias encontradas nos professores, buscando ajudar com a compreensão entre a relação do educador e com a falta de sentido diante dos desafios internos e externos na vida profissional dos educadores perante de sua prática educacional.

Pode-se compreender o trabalho dos professores mediante suas angústias, emoções e sentimentos expressos em suas vivências, cultivando o que está sendo esquecido, o que está adormecido, o que chamamos de *selfie*. “A prática da liberdade só encontrará adequada expressão numa pedagogia em que o oprimido tenha condições de reflexivamente, descobrir-se e conquistar-se como sujeito de sua própria destinação histórica” (Freire, 1987, p. 11). Hoje pode-se refletir quais as condições que os educadores se encontram diante de suas expressões, sua liberdade de pensar e de agir, qual espaço os professores estão tendo para se sentir liberto, para se expressar, expor suas ideias e opiniões sem serem visualizados pela sociedade em que se encontra.

O professor, por si busca entender que é necessário expressar-se como “pessoa e como educador”, onde ambos se tornam autor de suas próprias histórias. Sendo capazes de compreender-se e compreender o outro que está ao seu redor. Um professor precisa, antes de tudo, ter um desejo de buscar sempre exercer o melhor de si, mesmo diante de tantos desafios enfrentados em seu cotidiano (Freire, 1987). Percebe-se que essa liberdade pode ser encontrada em si mesmo, em seus valores, em suas atitudes e suas ações diárias, expressando-se verdadeiramente pelo que é e pelo que sentes, como um educador que busca o melhor para sua própria condição profissional, como também, para a sua expressão, como um ser humano que é capaz de ir além dos conhecimentos adquiridos no cotidiano e nas experiências vividas diante de suas salas de aula. “Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho. Os homens se libertam em comunhão” (Freire, 1987, p. 71). Entender-se que os educadores estão em sintonia, sentindo-se libertos em seus pensamentos e atitudes diante do melhor para si e para a educação.

Diante disso, Freire (1987) incentiva a pensar o que os educadores estão fazendo para que a comunhão seja estabelecida. Para que ao olhar um para o outro sintam-se fortes e capazes de

construir uma melhor educação, tanto para si mesmo como para os educandos. A angústia do ser educador, diante de tantos problemas encontrados na educação, angustias vividas por professores em seus locais de trabalho. “A história nunca se fecha por si mesma e nunca se fecha para sempre. São homens, em grupos e confrontando-se como classes em conflitos, que “fecham” ou “abrem” os circuitos da história (Florestan, citado por Frigotto, 2011, p. 235). A educação é uma história continuada, onde não existe fim diante de suas culturas, suas crenças, suas histórias, diante de uma visão que a cada dia se abre e se amplia para continuar de fato a se fazer uma educação de homens.

A partir da visão de cada homem, de cada grupo que se encontra e se desencontra diante de uma sociedade que confronta a própria história da educação e onde vem muitas vezes gerar conflitos diante dos mesmos que lutam por uma melhor história a se construir, esse educador torna-se um ser importante diante de si próprio. Existe uma grande contribuição fornecida por Vigotsky, para área da educação, ele trabalha com importantes reflexões sobre o processo de formação das características psicológicas tipicamente humanas e como aponta diretrizes e investiga a formulação de alternativas no plano pedagógico. A leitura permite identificar, em várias passagens, a atenção especial que dedica à educação escolar (Vigotsky, citado por Rego, 2014).

Essa dimensão prospectiva do desenvolvimento psicológico é de grande importância para a área da educação, pois permite a compreensão de haver um trabalho voltado para o psicológico, tanto dos professores, como dos alunos, para assim, poder se haver um desenvolvimento diante das situações psicológicas. Percebe-se que o processo psicológico do educador diante do seu trabalho se encontra cada vez mais abalado e desmotivado diante das circunstâncias e acontecimentos diários, e, no entanto, é o que menos se preocupam trabalhar, ocorrendo assim diversos tipos de estresse e angústia em seu local de trabalho, tanto com os alunos como com os educadores. É necessário investigar o que os educadores vêm apresentando no seu cotidiano, enxergando em cada educador a necessidade de ser ouvido e compreendido diante das angustias, que pode influenciar uma falta de sentido e prazer em lecionar.

A educação não pode ser trabalhada de uma só forma ou um só modelo, existem vários formatos, e podem ser praticadas em diferentes situações, mas por vezes parece ser invisível, precisando chamar a atenção da sociedade estampando o nome “educação” em placas nas portas. Toda via a educação escolar não pode querer se alimentar única e exclusivamente em seus princípios, já que esta abordagem (assim como as demais correntes teóricas da Psicologia) não tem condições de dar expostas a todas as inúmeras questões suscitadas na prática cotidiana (Rego, 2014, p. 124). A educação por ser uma prática de intervenção na realidade social, não pode, portanto, ser

considerada como uma ciência isolada nem tampouco apreendida mediante categorias de um único campo.

A prática pedagógica é influenciada por múltiplas dimensões: social e política, filosófica, ética, técnica, histórica. E dentre essa, a dimensão psicológica. A educação participa do processo de produção de crenças e ideias, sendo necessário que o educador tenha acesso a informações de diversas áreas do conhecimento e dentro da psicologia, as diferentes teorias já elaboradas. Compreendendo assim que dessa forma a educação precisa sim de vários modelos e de um campo amplo para se tornar dessa maneira, uma educação baseada em princípios reais. “Durante muitos anos, ouvi dirigentes, analistas, políticos, sociólogos, pedagogos e economistas coincidir em algo a maioria dos problemas sociais de determinada região, é no fundo, um problema de educação” (Marques, 2014, p. 9). Percebe-se que diante da dificuldade dos educadores, a educação se torna algo falho, desmotivador, tornando-se sem sentido diante da sociedade em si.

A educação seria a solução, o caminho para que os educadores possam rever seus ensinamentos e assim buscar subsídios para melhorar a sua prática docente. Nesse sentido, é preciso realmente compreender se este vazio desenvolvido por parte dos professores é algo que esteja ligado à educação, buscar entender se esse vazio não está partindo de si, enquanto pessoa, formando dessa maneira uma barreira invisível entre o educador e a educação. É inevitável não compreender a ligação que existe entre o homem e a educação, pois existe sim, um processo de adaptação ao meio, verificando que é preciso que ambos se encontrem em um só caminho, o desejo de encontrar sentido para a própria vida e torna-lo realidade, mas “a motivação básica do ser humano é sua vontade de sentido” (Marques, 2014, p. 13).

Pode-se perceber que por maior que sejam as dificuldades ou os problemas encontrados ou citados na educação, é preciso que haja algo essencial de motivação diante dos educadores, facilitando dessa maneira, a busca do sentido no que faz, no que se busca para melhorar a cada dia seu trabalho diante da educação. O desejo de ser melhor no que faz, construindo dessa forma a sua própria vontade de encontrar-se em si mesmo, de ser autor de sua própria história.

É do ser a responsabilidade por cada momento, por cada decisão, tanto a menor, quanto a maior, se reconhecer como ser humano, que pensa, sente, se angustia, chora, ri, vive. Enfim, pessoas capazes de se tornarem excelentes educadores quando se descobrirem como excelentes seres humanos. Não é um técnico que vai fazer funcionar melhor a pessoa, mas em um “cuidador do ser”, cuidando do celeiro doente, alertando para o que ele está depositando em seu próprio passado,

que afinal se constituiu como o seu próprio ser e que se tornará a sua própria essência (Santos, Paiva, Santos, Barbosa e Aquino, 2013).

Através do sofrimento dos educadores, pode-se compreender o quanto existe o desejo e vontade de melhorar naquilo que fazem. “A dor torna-se necessária, pois se transforma em provação, etapa imprescindível para que seja alcançada a bem-aventurança” (Augras, 2004, p.28). Percebendo na angustia um desabafar, um pedido de socorro implícito. Encontra-se muitos professores sofrendo pelas dificuldades que possuem em sala de aula, se desesperando pela falta de compreensão do outro, criando, dessa maneira, uma lacuna no que é feito, perdendo o sentido no ato de educar, na dinâmica de ensinar.

Ainda que sejam encontrados sofrimento e dificuldade na educação, os educadores estão sempre buscando um meio para continuar acreditando na própria educação, tornando-se cada vez mais um educador consciente de suas responsabilidades e encontrando dessa forma, um caminho árduo, mas de grandiosas experiências vividas a cada momento. Assim, não se pode negar que a dor, a angustia e o sofrimento existem. Mas, que a paixão pela educação, pelo prazer de ensinar é o que constrói a cada dia um caminho novo a se buscar, a se acreditar, que é capaz de se fazer, e se tornar-se melhor no que pode fazer, pois o homem define-se como ser social e o crescimento individual depende em todos os aspectos do encontro com os demais. “O bom ensino é aquele que se adianta, ao desenvolvimento, ou seja, que se dirige as funções psicológicas que estão em vias de se completarem” (Vigotsky citado por Rego, 2014, p. 107).

Nesse encontro é construído o convívio com o outro e divide-se de certa forma, a angustia, o medo, a dor, o sofrimento e a busca pelo sentido de ser. “Da mesma maneira, a fala do indivíduo exprime a organização do seu mundo, constantemente criado, questionado, ameaçado e reconstruído” (Augras, 2004, p. 78) A fala do indivíduo se manifesta diante das suas angústias, demonstrando de certa forma, sua grande insatisfação diante do olhar para com a educação, com o próprio educador. Sabe-se que há uma sociedade que apenas se sente no direito de exigir e questionar, tornando os professores alvos de suas cobranças, fazendo com que seus valores sejam esquecidos, contribuindo assim para que o professor se questione, sem saber o que está fazendo, tentando encontrar a chave para a compreensão.

Através da fala o professor expõe o que sente, com tantos silêncios já vividos, diante de tantas angústias sentidas, sendo um ser humano que sofre com tantas incompreensões por parte de uma educação frustrante, que faz com que o mesmo se sinta um “objeto de uso”. É diante de tantas dificuldades que a maioria dos educadores estão se encontrando desmotivado, sem prazer diante do

que faz, procurando apenas cumprir metas e objetivos, satisfazendo as regras de um sistema chamado de educação. Suprindo dessa maneira, apenas o momento, sem pensar no futuro de quem mais precisa, “o alunado”.

“Todo problema é, pois, tratado levando-se em conta fatores de ordem pessoal – atitudes, convicções, necessidades, crenças, desejos, etc.” (Roger, Kinget, 1975, p. 27). A grande queixa ou necessidade, trazida pela maioria dos professores, pois o ambiente de trabalho, onde está inserido o educador, de certa forma, não está preocupado em relação ao “EU” do professor, em tentar compreender suas necessidades, seus momentos de angústias, de medo, de incertezas. Estão desgastando o próprio professor em seu meio social, mental e físico, deixando de se preocupar ou de dar importância nas suas angústias, nas suas incertezas e nos medos diante de uma educação que se torna assustadora.

Pode-se observar que frente ao silêncio que o professor carrega diante das dúvidas que sente, diante de um EU que busca respostas, incentivos, sentido diante do que se dispõe a fazer. Um ser que não é apenas um professor, mas que é um ser humano repleto de sentimentos e emoções. No silêncio em que o educador habita, se encontram sentimentos e emoções no qual somente quem sente, sabe realmente explica-lo, por isso que é preciso se trabalhar o outro em um olhar mais completo e intenso. Na maioria das vezes o sofrimento humano é usado como mecanismo, angustias sendo colocadas diante do outro, mas esse outro não a percebe, querendo apenas que esse professor produza e lhe traga bons resultados, não importando o quanto esse sofrimento seja cruel.

Pode-se perceber o educador sendo capaz de se reconhecer como um ser vivo, podendo demonstrar a necessidade de valor, ousadia, respeito no que diz e no que sente. “Se apenas um professor em cem, ousasse arriscar, ousasse ser, ousasse confiar, ousasse compreender, a educação receberia a infusão de um espírito vivo que, e minha apreciação, não teria preço” (Rogers, 2010, p.60). A esperança na educação, no educador, é imprescindível, pois só a esperança alimenta as nossas ações.

A ousadia é indispensável, só é possível amar a rosa se considerar os espinhos que ela carrega, e, dessa forma, tentarmos construir uma educação com educadores que sentem a dor, que sofrem que se angustiam, mas que encontram o verdadeiro sentido de suas escolhas e diante do que faz, tornar-se um educador. Todavia, é na dimensão dos fenômenos especificamente humanos – a única na qual podemos encontrar algo como a vontade de sentido- que se poderia verificar, em definitivo, que a frustração dessa mesma vontade de sentido, a frustração existencial e o sentido de vazio cada vez mais crescente – nota-se bem: não no animal, mas no ser humano, no plano humano!

– Promovem a agressividade, ou menos, são seu alicerce (Frankl, 2015, p.18). A certeza de que o ser pensa, faz e busca a si próprio, a vontade do seu sentido diante de suas angústias vividas, leva ao entendimento de que o educador busca a cada dia a mudança em seu ambiente de trabalho. Mas existe uma preocupação diante de sua maneira de ensinar e de poder de certa forma alcançar o almejar do sucesso em que a própria educação implica, diante da vontade do outro e a de si, sentindo de certa forma um abandono que muitas vezes não consegue explicar, apenas busca compreender, ou viver sem saber que angústia é essa.

Ao deparar-se com situações cotidianas, em relação a si mesmo, percebe-se que o vazio existencial tende a crescer cada vez mais, pois não se encontra repostas para o sofrimento ou a angústia que sentem. Pode-se perceber que os professores estão cada vez mais se angustiando diante de seus trabalhos, e dessa forma, construindo em si mesmo uma defesa própria, tornando-se com frequência mais agressivos, apáticos, sem motivação pelo que faz, ou seja, trabalhando apenas pelo fato do querer, do existir como pessoa principal do seu próprio fazer.

É imprescindível buscar o sentido de viver, o sentido de viver, o sentido no que se faz, mesmo enfrentando dificuldades, angústias, sofrimento diante dos acontecimentos no dia a dia. “O sentido não só deve, mas pode ser encontrado, e na consciência conduz o homem em sua busca” (Frankl, 2015, p.25). É necessário engajar uma luta até o fim, pois até o último momento o homem não sabe se realmente cumpriu o sentido da sua vida ou se ao menos acredita ter cumprido. Na educação é necessário ter cuidado, não só em transmitir conhecimentos, mas ao mesmo tempo ter o cuidado de perceber as exigências e desafios inerentes a cada situação.

Sendo assim, é interessante poder conhecer intrinsicamente os limites, até que ponto o profissional está conseguindo ser o que ele pretende ser. Enfrentar e conhecer desafios que são colocados ao longo da caminhada, pois, o sentido pode sim ser encaminhado, e para que isso aconteça é necessário que o educador olhe para a própria realidade e se encontre dentro de si. (Frankl, 2015). Compreende-se que muitos professores hoje se encontram cada vez mais angustiados em seu local de trabalho, não sente mais vontade de ensinar, não se sente bem em seu local de trabalho, tudo o que diz respeito ao seu serviço se torna uma angústia, um sofrimento, uma desmotivação para realizar as tarefas diárias. É onde cabe o questionamento: O que está acontecendo com os professores?

A angústia não é doença, muito menos uma deformidade no ser humano. É ela que anuncia a voz daquilo que diferencia o homem dos demais seres vivos presentes na terra: o espírito. Compreendemos dessa maneira que a angústia faz parte do nosso “ser humano”, que nos torna



ainda mais capaz de realizar e realizar-se como pessoa, onde possamos nos encontrar (Sousa e Rocha, 2014, p.82). A angústia e o sofrimento precisam ser vividos, de maneira capaz de compreender como o ser que sente, pensa, se angustia, sofre, mas acima de tudo, valoriza cada momento de sua vida e que diante da angústia, sempre encontra um sentido para se encontrar consigo mesmo. Assim, de acordo com os preceitos de Kierkegaard, angústia não é doença (Sousa e Rocha, 2014).

É necessário entender que não se pode viver sem se angustiar, mas não se pode ser escravo da angústia, “A angústia não é doença, muito menos deformidade no ser humano. É ela que anuncia a voz daquilo que diferencia o homem, dos demais seres vivos presentes na terra: o espírito” (Kierkegaard, 2014, p.82). Compreendendo assim que, o que existe nessa angústia, é a busca por enxergar esses momentos de sofrimento, raiva, medo e insegurança o que o ser é capaz de abranger, verificando o Eu despertar a cada dia para uma renovação do que é, do que faz, pois somente a firmeza e a atitude permitem que o homem dê testemunho daquilo que só ele é capaz, transformar e remodelar o sofrimento no nível humano, para torna-lo uma realização (Frankl, 2015).

MÉTODO

Trata-se de um estudo de revisão bibliográfica narrativa, em que se pode verificar que a seleção dos estudos e a interpretação das informações podem estar sujeitas à subjetividade dos autores. O artigo foi pesquisado em livros que discorrem sobre o assunto, com os escritores: educação, educador e sentido. A base teórica para a realização do artigo foi composta por autores como Augra, Miguez, Frankl, Rogers. Buscando através desses estudos, auxílio para o trabalho com os professores diante das dificuldades enfrentadas no cotidiano escolar. Assim, entender cuidadosamente o professor que busca a cada instante algo para se tornar motivado, que desperte seu sentido no que faz.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Pode-se observar através dos livros trabalhados a ideia que cada autor tem sobre o assunto, sendo analisados 5 livros relacionados sobre o tema, trazendo o pensamento de autores como, Paulo Freire, Vigotsky, Carl Rogers, Victor Frankl, Augras e Miguez. Foi realizada uma análise narrativa dos livros, possibilitando assim uma melhor compreensão do objeto de estudo proposto, podendo perceber os desafios e limites enfrentados por cada educador em seu ambiente profissional.

Segundo Carl Rogers (2010), “O que sugiro, nesta perspectiva, é que o formador seja verdadeiro em sua relação com os alunos...”.

Portanto faz-se necessário que educador seja autêntico, diante de suas angustias frente ao cotidiano escolar. Demonstrando assim, suas atitudes, frente a sua subjetividade, que ela não fique escondida. “A pertinência e a atualidade de uma reflexão antropológica sobre o modo de ser humano e o esforço pedagógico no sentido de realiza-lo estão em responder ao desafio de um tempo de crise existencial...” (Miguez, 2014). Para Frankl, é preciso encontrar significados concretos que deem sentido à vida, no que faz, almeja e projeta em suas atitudes frente ao seu trabalho.

Para Freire (2015), “Para o homem produzir-se é conquistar-se, conquistar sua forma humana. A pedagogia é antropologia. ” É imprescindível que o ser humano, se conquiste a cada instante, construindo assim, conhecimentos sobre si, sobre o outro, conscientizando-se assim como projeto humano que possui sua subjetividade singular, mas também sabendo respeitar o espaço do outro o qual convive a todo instante.

Vigotsky (2010), diz que “A educação não se limita somente ao fato de influenciar o processo de desenvolvimento, mas ela reestrutura de maneira fundamental todas as funções do comportamento”, para ele, a educação é algo fundamental diante de todos os aspectos, influenciando de certa forma o desenvolvimento infantil, proporcionando assim um melhor entendimento sobre a educação.

Augras (1986), “Assumir a própria subjetividade não é substituir as suas problemáticas aos conflitos do paciente. É reconhecê-la para delimitá-la, transformando-a em ferramenta para a compreensão do outro. ” É importante assumir a própria subjetividade, não ignorando os problemas, mas podendo fazer de cada conflito uma significação a mais no modo de ser e de viver. O conflito não deve ser entendido como algo ruim, e sim gerador de equilíbrio para o nosso aprendizado.

Todos os livros inclusos relatam sobre a educação, o educador, trabalhando sobre a análise da dimensão humana de cada indivíduo, mostrando sobre os desafios e limites envolvidos na educação, que os afligem diante de uma sociedade que trata o professor como um objeto descartável, os autores trazem relatos sobre o fato de que cada indivíduo tem a sua subjetividade particular, mostrando que é preciso que esse professor seja respeitado, seja percebido enquanto pessoa. Assim, para uma melhor compreensão os livros foram discutidos individualmente, possibilitando uma conversa entre os autores. Professores que se encontram desmotivados e que apenas cumprem seu trabalho por obrigação.

CONCLUSÃO

Através de tudo o que foi exposto, pode-se compreender que o educador e a educação estão em uma busca constante de respostas e interrogações sobre o que fazer para proporcionar uma melhor educação para todos, uma educação mais reflexiva, que busque adentrar no sentimento do outro e compreender a angústia e a necessidade de cada educador e educando.

Compreendendo através de tantas emoções e sentimentos expressados no semblante e na fala de cada professor, é preciso ter-se um olhar minucioso e acolhedor para assim, poder ser um facilitador diante da angústia e da falta de sentido expressado pelos educadores. Despertando dessa maneira, o sentido em sua atuação como pessoa diante de sua profissionalização. O próprio método educacional, pode ser um dos problemas que está afetando os educadores, causando um grande vazio existencial aos mesmos.

Neste sentido é de grande importância que este estudo possa servir de auxílio nas dificuldades encontradas no cotidiano escolar, podendo dessa maneira, dinamizar a atuação dos professores com seus alunos e ajudar, a compreender suas angústias diante das problemáticas. Diante de tudo o que foi estudado pode-se perceber a importância e a realização das leituras bibliográficas para o crescimento pessoal e profissional, pois cada autor contribuiu com uma reflexão e uma compreensão do que realmente se deve fazer diante do trabalho desenvolvido em uma educação.

Percebendo assim, que o educador além do conhecimento precisa desenvolver suas habilidades e direcionar seu trabalho da melhor maneira que lhe são oferecidos em sua realidade. O educador precisa estar sempre em busca de enriquecer-se tanto pessoalmente, quanto profissionalmente, e encontrar sentido em momentos que apenas ele mesmo é o responsável por si. A educação precisa de educadores renovados, educadores que conhecem o ser humano como alguém, que se projeta em direção a um horizonte de sentido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUGRAS, M. **O ser da compreensão**: fenomenologia da situação de psicodiagnóstico. Petrópolis: Vozes. 1986.
- FRANKL, V. E. **O sofrimento de uma vida sem sentido**. (K. Bocarro, Trad.). São Paulo: É Realizações. 2015.

- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.
- FRIGOTO, G. Os circuitos da história e o balanço da educação no Brasil na primeira década do século XXI. **Revista Brasileira de Educação**, 16(46). 2011.
- KINGET, G. M. & Rogers, C. R. **Psicoterapia e relações humanas**. (M. L. Bizzotto, Trad.). Belo Horizonte: Paulus. 1975.
- MIGUEZ, E. M. **Educação em busca de sentido**: pedagogia inspirada em Viktor Frankl. São Paulo: Paulus. 2014.
- SANTOS, G. M.; BARBOSA, G. G.; AQUINO, T. A. A. (orgs). **Logoterapia na prática**. Campina Grande: EDUEPB. 2013.
- SOUSA, L. S.; ROCHA, F. L. **Kierkegaard**: a angústia e desespero de se tornar autêntico. *Revista Húmus*, 4(10). 2014. ISSN: 2236-4358.
- REGO, T. C. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. 25 ed. Petrópolis: Vozes. 2014.
- ZIMRING, F. **Carl Rogers**. (M. A. Lorieli, Trad.). Recife: Massangana. 2010